

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

SERRA DA SAUDADE: HISTÓRIA NATURAL E ESTADO DE CONSERVAÇÃO DE UM DESCONHECIDO REMANESCENTE DO BIOMA CERRADO NO OESTE DE MINAS GERAIS

Fabricio Rodrigues dos Santos, Nadja Simbera Hemetrio

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13039>

Submetido em: 2025-08-21

Postado em: 2025-09-01 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

SERRA DA SAUDADE: HISTÓRIA NATURAL E ESTADO DE CONSERVAÇÃO DE UM DESCONHECIDO REMANESCENTE DO BIOMA CERRADO NO OESTE DE MINAS GERAIS

Fabrício Rodrigues dos Santos ^{1*}, Nadja Simbera Hemetrio ²

¹ Departamento de Genética, Ecologia e Evolução, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Avenida Antonio Carlos, 6627, 31270-010 Belo Horizonte, MG, Brasil - fsantos@icb.ufmg.br, ORCID <https://orcid.org/0000-0001-9088-1750>

² Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica de Belo Horizonte, Av. Afonso Pena, 1212, 30130-003, Belo Horizonte, MG, Brasil - nadjasimbera@gmail.com, ORCID <https://orcid.org/0000-0003-1013-4718>

RESUMO

A Serra da Saudade é uma cadeia de montanhas com altitudes que oscilam entre 800 e 1200 metros sobre o nível do mar, localizada na bacia do Alto São Francisco, oeste de Minas Gerais, Brasil. Embora tenha sofrido um impacto antrópico significativo desde o século XVIII com a mineração de diamantes e posteriormente com agricultura, pecuária, prospecção de gás de xisto e mineração de glauconita, a região ainda mantém extensas áreas preservadas de Cerrado, principalmente na margem direita do rio Indaiá. Esta revisão traz um relato da história natural da Serra da

Saudade com ênfase na biodiversidade remanescente desta região negligenciada do Cerrado mineiro, exemplificada por alguns dados de fauna e flora levantados em uma reserva privada e seu entorno, na margem direita do rio Indaiá, no município de Quartel Geral. A Serra da Saudade se apresenta como uma extensa área de Cerrado preservado com grande potencial para estudos científicos, inventários e ações de conservação.

Palavras-chave: Biodiversidade neotropical, Formação Serra da Saudade, Montanhas, Savana.

TITLE IN ENGLISH

SERRA DA SAUDADE:

NATURAL HISTORY AND CONSERVATION STATUS OF AN UNKNOWN REMNANT OF THE CERRADO BIOME IN WESTERN MINAS GERAIS

ABSTRACT

Serra da Saudade is a mountain range with altitudes ranging between 800 and 1200 meters above sea level, located in the Alto São Francisco basin, west of Minas Gerais, Brazil. Although it has suffered a significant anthropic impact since the 18th century with diamond mining and later with agriculture, livestock, shale gas prospecting and glauconite mining, the region still maintains extensive preserved areas of Cerrado, mainly on the right bank of the Indaiá river. This review provides an account of the natural history of Serra da Saudade with an emphasis on the remaining biodiversity of this neglected region of the Cerrado of Minas Gerais, exemplified by some data on the fauna and flora observed in a private reserve and its surroundings, on the right bank of the Indaiá river, in the municipality of Quartel Geral. Serra da Saudade presents itself as an extensive area of preserved Cerrado with great potential for scientific studies, inventories and conservation actions.

Keywords: Neotropical biodiversity, Serra da Saudade formation, Mountains, Savanna.

INTRODUÇÃO

O bioma Cerrado é o segundo maior da América do Sul e possui uma grande diversidade de fitofisionomias vegetais e ecossistemas em sua área de aproximadamente 2 milhões de km² (Hoffman et al. 2021). No entanto, o bioma com a maior área de expansão agrícola do Brasil apresenta poucos estudos científicos e esforços de conservação, quando comparado a outros biomas florestais como a Amazônia e a Mata Atlântica (Bipo et al. 2024). Além disso, os poucos estudos e áreas de conservação negligenciam grande parte dos diversos ecossistemas e paisagens distribuídos ao longo de sua extensa área, como é o caso da região da Serra da Saudade em Minas Gerais.

A Serra da Saudade se eleva entre 800 e 1200 metros sobre o nível do mar (msnm) e se estende por ~120 km no oeste de Minas Gerais, possuindo outras denominações ao longo de sua extensão: Serra do Bueno (extremidade sul que se conecta com o planalto da Mata da Corda, nos municípios de Luz e Córrego Danta), Serra da Marcela (que incluía a Serra do Bueno e toda a margem direita do rio Indaiá), Serra do Urubu do Indaiá (margem esquerda do rio Indaiá), Serra do Capacete ou do Quati (município de Cedro do Abaeté), Serra do Tigre (um prolongamento da serra entre Abaeté e Cedro do Abaeté) e Serra do Palmital (nos municípios de Paineiras e Biquinhas). No passado foi também chamada de Serra do Canastrão e Serra do Indaiá (ou

Andayá), pois é cortada pelo rio Indaiá (Eschwege 1833; Correa 1948) desde sua nascente no Sul a 1147 msnm no distrito de Cachoeirinha do município de Córrego Danta, até sua foz ao Norte, na represa de Três Marias em Morada Nova de Minas, no Alto São Francisco (Lima et al., 2007).

A Serra da Saudade situa-se no Cerrado mineiro entre a depressão São-Franciscana (600 e 700 msnm) e o planalto (maciço ou chapada) da Mata da Corda (900 e 1200 msnm), sendo esse último, o divisor de águas entre as sub-bacias do Alto São Francisco e Alto Paranaíba (Paraná/Prata). A Mata da Corda se constitui em um enclave de Mata Atlântica Estacional Semidecidual de altitude dentro do bioma Cerrado que se localiza no oeste mineiro e está reduzida a menos de 5% da cobertura florestal original que possuía até mesmo araucárias no início do século XX (Hueck 1953).

As montanhas da Serra da Saudade são formadas principalmente por rochas sedimentares cuja deposição se iniciou no final do pré-Cambriano (Neoproterozoico/Ediacarano) entre 690 e 560 milhões de anos atrás (Bonhomme et al., 1982). As rochas sedimentares fazem parte da formação geológica Serra da Saudade que pertence ao Grupo litoestratigráfico Bambuí do Cráton do São Francisco, composta de siltitos, argilitos, ritmitos, folhelhos e arenitos intercalados por sedimentos ricos em matéria orgânica e calcários (Lima et al., 2007; Moreira et al., 2022). Os ritmitos e siltitos esverdeados da Serra da

Saudade são chamados de verdetes, pois contêm glauconita, um minério rico em potássio (Lima et al., 2007; Teles et al., 2022). Os siltitos da formação Serra da Saudade foram depositados entre o final do período Ediacarano e início do Cambriano (Moreira et al., 2022; Teles et al., 2022), uma época de grande diversificação das primeiras linhagens de animais multicelulares marinhos (>520 milhões de anos atrás), coincidindo com os estágios finais de formação da plataforma Sul Americana no supercontinente Gondwana (Neves et al., 2014).

A maior parte da Serra da Saudade é composta de solos rasos e pedregosos de baixa fertilidade, distribuídos por uma região muito acidentada e inadequada para agricultura e pecuária (Lima et al., 2007). Embora impactada por intensa exploração humana desde o século XVIII e submetida a incêndios antropogênicos anualmente, ainda existem grandes fragmentos naturais remanescentes de Cerrado (ver abaixo) que são compostos principalmente por campos limpos, campos sujos e matas de galeria (MMA 2018; Freitas et al., 2009).

O povoamento e os naturalistas dos séculos XVIII e XIX

Até início do século XVIII, o oeste da capitania de Minas Gerais na margem esquerda do rio São Francisco era povoado quase exclusivamente por indígenas americanos da tradição Aratu-Sapucai, provavelmente relacionados ao grupo linguístico Macro-Jê (Urban 1992). As primeiras sesmarias

coloniais na região datam de 1720 nas áreas próximas à Serra da Canastra e Bambuí, e de 1730 na região de Dores do Indaiá e Abaeté (Barbosa 1964, 1979; Oliveira 1970), sendo esta última região conhecida naquela época como Sertões do Abaeté (ou do Indaiá e Abaeté) e situada na fronteira com a província de Goiás que também incluía o atual triângulo mineiro. A exploração colonial das áreas a oeste do rio São Francisco se intensificou com a decadência da produção das minas de ouro em Minas Gerais em meados do século XVIII, que promoveu a busca de novas riquezas no oeste do país, abrindo novos caminhos ao interior do Brasil tal como a Picada de Goyaz (Barbosa 1979; Rocha-Júnior et al., 2006). No entanto, alguns quilombos (Ambrósio, Indaiá, etc.) e povos indígenas estabelecidos na região dificultavam a colonização lusitana do oeste mineiro, quando a Coroa portuguesa decidiu combater violentamente os assentamentos de quilombolas e indígenas a partir de 1746 (Lourenço 2005). Em meados do século XVIII também apareceram as primeiras evidências de diamantes de aluvião nos rios Indaiá, Borrachudo e Abaeté, afluentes da margem esquerda do rio São Francisco. Isto atraiu muitos garimpeiros clandestinos à região que, posteriormente, ganhou notoriedade pela descoberta no final do século XVIII do Diamante do Abaeté, uma pedra de 135 quilates que pertencia à Coroa portuguesa (Faria & Filgueiras 2019).

Como parte da política colonial do Marquês de Pombal, alguns estudos prospectivos foram organizados a partir da segunda metade do século XVIII. As primeiras pesquisas naturalistas foram realizadas em Minas Gerais em 1779 pelo padre e naturalista brasileiro Joaquim Veloso de Miranda, a serviço da Coroa portuguesa. A partir de 1796, Veloso de Miranda também fez algumas "viagens filosóficas" ao oeste de Minas Gerais para realizar estudos botânicos e minerais que levaram à descoberta em 1798 de minas de galena (um mineral de chumbo e prata) em um afluente do rio Abaeté, local situado atualmente no município de Patos de Minas, próximo à Serra da Saudade (Faria & Filgueiras 2019).

Interessada nas riquezas desta região, a Coroa portuguesa ordenou em 1800 que o naturalista brasileiro José Vieira Couto coordenasse uma grande expedição exploratória ao oeste de Minas Gerais, quando descreveu detalhes da paisagem e algumas observações sobre a fauna e a flora da Serra da Saudade, além de coletar minerais e plantas que foram enviados a Portugal (Faria & Filgueiras 2022). Como resultado da expedição, Vieira-Couto publicou um livro com um mapa detalhado da região demarcada para Exploração Régia (exclusiva da Coroa portuguesa) de diamantes no oeste da capitania de Minas Gerais (entre os rios Bambuí e Paracatu) que incluía a Serra da Saudade. Esta região extrativista foi nomeada "Nova Lorena Diamantina", registrada no mapa

que descrevia as trilhas e locais das riquezas minerais como diamantes, ouro e chumbo (Vieira-Couto 1801).

Entre 1811 e 1814, o intendente das Minas de Ouro e geólogo alemão Barão de Eschwege coordenou algumas expedições naturalistas ao oeste de Minas Gerais (Eschwege 1833), pois recebeu a missão de implantar uma fábrica de chumbo próxima às minas de galena descritas em 1798 por Veloso de Miranda e mapeadas em 1800 por Vieira-Couto. Eschwege descreve essas expedições que lhe marcaram para sempre:

"A própria experiência adquirida nos campos e matas virgens dos sertões dos rios Indaiá e Abaeté - nos limites de Minas e Goiás - ensinou-me, frequentes vezes, como, não obstante a falta de provisões habituais, se deve agir para nunca cair em dificuldades" (Eschwege 1833).

Como um naturalista que explorava um ambiente "pristino", Eschwege se alimentava de macacos, papagaios, plantas diversas e até mesmo larvas de besouro chamadas localmente de "Queijo de Hércules". Numa expedição de 1814, o Barão de Eschwege convidou outro naturalista conterrâneo, o zoólogo Georg Wilhelm Freyreiss, para pesquisar os sertões do Indaiá e Abaeté. Eschwege e Freyreiss coletaram muitos espécimes de fauna e flora que foram enviados a museus da Alemanha e da Rússia, tal como um exemplar de galito (*Alectrurus tricolor*) coletado por Freyreiss entre o rio São Francisco e a localidade de Quartel Geral (hoje

sede do município), espécie ameaçada de ave que não ocorre atualmente na região (Pinto 1952).

Outros naturalistas famosos visitaram a Serra da Saudade no século XIX, incluindo os alemães Friedrich Sellow e Ignaz von Olfers em 1818, além de uma grande expedição francesa organizada pelo diplomata e naturalista François de Castelnau entre 1843 e 1847. A expedição francesa partiu do Rio de Janeiro e chegou até o Peru, com um retorno pelo rio Amazonas até a cidade de Belém. Na ida ao Peru, a expedição de Castelnau passou pela Serra da Saudade em Minas Gerais quando foi guiada pelo naturalista dinamarquês Peter Claussen (colaborador de Peter Lund). Também participaram dessa expedição o botânico Hugh Algernon Weddell e o zoólogo Emille Deville (itinerários registrados em Martius 1840-1906).

Muitos dos exemplares coletados ou ilustrados de fauna e flora pelos naturalistas dos séculos XVIII e XIX na região da Serra da Saudade estão atualmente depositados em diversos museus da Europa, embora sem informação geográfica detalhada. Estes exemplares da biodiversidade e manuscritos ainda carecem de um estudo científico minucioso. Por exemplo, o Barão de Eschwege doou uma coleção de plantas e o manuscrito "Descrição Florestal da Colleção de Madeiras dos Sertões do Abaethe" que se encontra atualmente na Biblioteca Central do Museu Nacional, no Rio de Janeiro.

Esta coleção de plantas arbóreas da região nunca foi cientificamente revisada e nem oficialmente publicada.

Remanescentes do bioma Cerrado na Serra da Saudade

O Cerrado está em um processo crescente de degradação de suas fitofisionomias naturais devido principalmente à agricultura e pecuária, que nas últimas décadas tem sido acentuada pela intensa mecanização do uso da terra, projetos de irrigação e cultivo em larga escala, fogo indiscriminado, empreendimentos hidroelétricos e mineração (Bonanomi et al., 2019), tornando-o ainda mais susceptível às mudanças climáticas (Hofmann et al., 2021; Chaves et al., 2023). De acordo com um estudo detalhado dos biomas brasileiros executado pelo MapBiomas em 2020 (Souza et al.), o Brasil perdeu 26,5 milhões de hectares no bioma Cerrado desde 1985, restando apenas 54,4% da cobertura vegetal nativa em 2020, sendo que o estado de Minas Gerais possui menos de 17% de áreas naturais de Cerrado.

Um mapeamento recente dos remanescentes naturais do bioma Cerrado feito pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA 2018) revelou muitas áreas com vegetação nativa localizadas fora de unidades de conservação (UCs), algumas coincidentes com regiões montanhosas como a Serra da Saudade no oeste de Minas Gerais. Os remanescentes de Cerrado localizados fora de UCs são geralmente áreas de difícil acesso que possuem relevos escarpados e montanhosos e/ou solos impróprios para

agricultura e pecuária. Mesmo relativamente preservados, estes fragmentos de Cerrado são frequentemente impactados pela ação humana, tais como os campos nativos que estão anualmente sujeitos a incêndios antropogênicos no final da seca (agosto a novembro) com a finalidade de estimular o brotamento de pastagens nativas para o gado. Embora sem qualquer tipo de unidade de conservação oficialmente reconhecida, a Serra da Saudade apresenta extensas áreas com ecossistemas típicos de Cerrado, distribuídos por um sistema de montanhas com grande riqueza potencial em biodiversidade que não foi ainda devidamente investigada cientificamente.

Sabe-se que as montanhas albergam uma biodiversidade rica e peculiar (Perrigo et al., 2020), resultada de inúmeros processos evolutivos relacionados à variação de altitude, solo, relevo e mudanças climáticas pretéritas que levaram ao isolamento relativo das populações de fauna e flora em ilhas de altitude ou *sky-islands* (Baker 2008). Regiões montanhosas do Brasil tal como a Serra da Saudade carecem de pesquisas e inventários detalhados, os quais podem revelar uma enorme diversidade críptica de espécies ainda desconhecidas (Chaves et al., 2014; Ramos et al., 2019). Embora algumas regiões montanhosas como a Serra do Espinhaço em Minas Gerais (Reserva da Biosfera da UNESCO) possuam UCs demarcadas em nível municipal, estadual e federal (IEF 2021), ainda existem enormes desafios de

conservação nas montanhas e campos de altitude do Brasil (Fernandes et al., 2014). Entre esses desafios, destacam-se áreas montanhosas negligenciadas que ainda possuem remanescentes dos ecossistemas originais, mas carentes de pesquisas e inventários de biodiversidade.

A Serra da Saudade tem sido apontada por análises de mapeamento de áreas prioritárias e alguns levantamentos preliminares de fauna e flora como uma região potencialmente rica (com particularidades das montanhas) em diversidade de espécies nativas (Drummond et al., 2005; Freitas et al., 2009; MMA 2018). A serra está localizada dentro de uma área de alta prioridade para conservação (código 221) de acordo com o Ministério do Meio Ambiente (MMA 2018). Além disso, estas montanhas são parte de uma área-chave de conservação (KBA - Key Biodiversity Area) do Cerrado que é chamada "Indaiá" (código MG45) de acordo com Fundo de Parcerias para Ecossistemas Críticos (CEPF 2017). Embora esteja inserida no bioma Cerrado, a biodiversidade da Serra da Saudade apresenta também certa influência da vizinha Mata da Corda. Por exemplo, foi registrada a presença de algumas aves endêmicas de Mata Atlântica em dois levantamentos ornitológicos preliminares no município de Quartel Geral próximo à divisa com o município de São Gotardo que corresponde ao rio Indaiá na Serra da Saudade (Freitas et al., 2009; Moura et al., 2011).

Fauna e Flora na Serra da Saudade

Inventários prévios revelam a riqueza potencial em biodiversidade na Serra da Saudade. Por exemplo, um inventário rápido preliminar de aves em uma reserva privada de apenas 41 hectares (Reserva Brisa do Indaiá) revelou uma rica diversidade de aves com 121 espécies (Freitas et al., 2009), que foi posteriormente ampliada por outro grupo de pesquisa (Moura et al., 2011), resultando em 165 espécies de aves registradas. Nesses dois inventários foram encontradas quatro espécies ameaçadas de aves de acordo com a IUCN: inhambu-carapé (*Taoniscus nanus* - EN_IUCN), águia-cinzenta (*Urubitinga coronata* - EN_IUCN), papa-moscas-do-campo (*Culicivora caudacuta* - VU_IUCN) e tico-tico-mascarado (*Coryphas piza melanotis* - VU_IUCN). Além de aves, outros artigos publicados recentemente revelaram algumas espécies novas de insetos produtores de galhas em plantas nativas do Cerrado na Serra da Saudade, principalmente nas áreas próximas ao rio Indaiá (Maia & Oliveira 2018, 2019; Maia et al., 2018).

Entre 2020 e 2021 fizemos um estudo preliminar de espécies de fauna e flora na reserva privada Brisa do Indaiá (Figura 1) e seu entorno próximo (raio de 5 Km) que está localizada na Serra da Saudade (19°14'13"S; 45°48'12"O) a 4 km do distrito de Quartel de São João no município de Quartel Geral, Minas Gerais. É uma área de campos limpos de altitude alternados com campos rupestres

(em afloramentos de siltitos e argilitos verdes, chamados de verdetes), campos sujos e matas de galerias e ciliares nos vales do córrego Brisa (antigamente chamado de Queixada) e do rio Indaiá, respectivamente (Freitas et al., 2009). O solo da região é composto por folhetos, ritmitos e siltitos/argilitos típicos da formação Serra da Saudade (Lima et al., 2007; Moreira et al., 2022). A reserva de 41 hectares é limitada pelo rio Indaiá ao oeste e pelo vale do córrego Brisa (ou Queixada) ao norte e leste, além da divisa com outras propriedades ao sul da reserva.

FIGURA 1

O registro preliminar de fauna e flora foi executado entre abril de 2020 e setembro de 2021 com auxílio de binóculos 10 x 42 e câmeras fotográficas, percorrendo trilhas a pé, de barco pelo rio ou de carro na estrada de acesso a partir do distrito de Quartel de São João. As observações de espécies foram em sua maioria documentadas por fotografias, vídeos e/ou vocalizações dos indivíduos, ou registro fotográfico de pegadas (Azevedo & Lemos 2012), fezes e/ou cavidades (mamíferos). Todas as observações foram feitas de forma eventual e oportunística a partir de espécimes cuja identificação no nível de gênero ou espécie de animais e plantas era inicialmente feita por nós, cuja confirmação ou identificação em nível de espécie de alguns

exemplares duvidosos foi feita por taxonomistas especialistas em fauna e flora (ver agradecimentos). Espécimes de invertebrados foram coletados e enviados ao Centro de Coleções Taxonômicas da UFMG, onde foram depositados e identificados. Em alguns casos duvidosos, espécimes de plantas foram também coletados e enviados a especialistas botânicos para identificação taxonômica em nível de espécie, se possível (ver agradecimentos).

Aves

Durante o levantamento ornitológico complementar foram feitos novos registros de 38 espécies de aves na Reserva Brisa do Indaiá (Tabela 1), que juntamente aos estudos prévios (Freitas et al., 2009; Moura et al., 2011), somam 203 espécies de aves. Entre esses novos registros, incluiu-se o tucano-do-bico-preto (*Ramphastos vitellinus*), considerado ameaçado de extinção na categoria vulnerável (VU_IUCN) e observado em duas ocasiões. Além dos 38 novos registros de espécies de aves, um casal de águias-cinzentas foi recentemente fotografado na Reserva Brisa do Indaiá (Figura 2).

FIGURA 2.

TABELA 1.

Outros Vertebrados

Foram obtidos registros eventuais de 24 espécies de mamíferos na reserva, sem esforço de captura (redes,

armadilhas ou câmeras-trap), que seria necessário principalmente para mamíferos de pequeno porte como roedores e quirópteros. Em relação a mamíferos de médio e grande porte, algumas espécies ameaçadas (VU_IUCN) foram registradas: tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), tatu-canastra (*Priodontes maximus*), lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), raposinha-do-campo (*Lycalopex vetulus*) e suçuarana (*Puma concolor*). Entre as espécies de mamíferos encontradas na reserva (Tabela 2), algumas possuem também registros fotográficos de alguns indivíduos (Figura 3).

TABELA 2

FIGURA 3

Entre os répteis observados incluem-se lagartos como *Ameiva ameiva*, *Notomabuya frenata* e *Salvator merianae*, o cágado-de-barbicha *Phrynops geoffroanus* e algumas serpentes como *Epicrates crassus*, *Xenodon merremi* e *Bothrops neuwiedi*.

Entre os anfíbios observados estão incluídos o dendrobatídeo *Ameerega flavopicta*, os hilídeos *Boana lundii*, *Scynax fuscovarius* e outra espécie rara de anuro que é, provavelmente, *Ololygon canastrensis*, ressaltando a proximidade com a Serra da Canastra. Também foram registrados o bufonídeo *Rhinella diptycha*, o leptodactilídeo *Leptodactylus labyrinthicus* e o craugastorídeo *Barycholos ternetzi*, que é endêmico do

Cerrado. Em outra área mais ao norte da Serra da Saudade no município de Abaeté, conhecida localmente como Serra do Tigre, foi encontrado recentemente um filomedusídeo endêmico de altitude, a perereca-macaco *Pithecopus ayeaye* (Del Prette et al. 2024).

Invertebrados

Alguns invertebrados foram coletados na reserva no período de abril de 2020 a agosto de 2021 e encaminhados para o Centro de Coleções Taxonômicas da UFMG (CCT-UFMG) para serem depositados e oportunamente classificados taxonomicamente, com várias possíveis espécie novas. Entre as espécies de abelhas observadas, destaca-se a presença de uma meliponínea ameaçada que é conhecida como uruçú-amarela (*Melipona rufiventris*). Os ecossistemas de campos e bosques ripários se destacam por uma grande diversidade de himenópteros e lepidópteros (Figura 4). Algumas pesquisas recentes na reserva e no seu entorno próximo também revelaram quatro novas espécies de dípteros formadores de galhas em plantas endêmicas do Cerrado (Maia & Oliveira 2018, 2019; Maia et al., 2018).

FIGURA 4

Entre os aracnídeos depositados no CCT-UFMG, há várias aranhas das famílias Lycosidae, Palpimanidae, Trochanteriidae, Selenopidae, Theraphosidae e Ctenidae,

incluindo a aranha-armadeira (*Phoneutria nigriventer*) desta última família. Em uma primeira triagem no CCT-UFMG, foram identificadas três possíveis espécies novas dos gêneros *Otiothops*, *Selenops* e *Isoctenus* (Adalberto J. Santos, CCT-UFMG, informação pessoal). Também foram identificadas algumas espécies de opiliões da família Cosmetidae e escorpiões do complexo *Tityus bahiensis*.

Biodiversidade vegetal e Fitosionomias da região

A área da reserva Brisa do Indaiá é composta de ecossistemas típicos de Cerrado, na maior parte por campos limpos com alguns afloramentos de siltitos que se alternam com campos sujos nas partes mais baixas, compostos de arbustos e pequenas árvores até as matas ripárias na beira do rio Indaiá e do córrego Brisa. Nos campos, além de inúmeras gramíneas como o capim-flechinha (*Echinolaena inflexa*) e capim-estrela (*Rhynchospora sp.*), ocorrem outras plantas típicas do Cerrado como por exemplo: alecrim-do-campo (*Baccharis dracunculifolia*), melãozinho-do-campo (*Melothria campestris*), cajuí (*Anacardium humile*), jatobá-do-cerrado (*Hymenaea stigonocarpa*), capicuru ou bacupari-do-campo (*Peritassa campestris*), bacupari-do-cerrado (*Salacia crassifolia*), pelo menos quatro espécies de muricis (*Byrsonima spp.*), mama-cadela (*Brosimum gaudichaudii*), pau-doce (*Vochysia elliptica*), pelo menos duas espécies de pau-santo (*Kielmeyera spp.*), pau-terra

(*Qualea grandiflora*), pau-terrinhã (*Qualea parviflora*) e duas espécies comuns de palmeiras (*Acrocomia aculeata* e *Syagrus romanzoffiana*). Registramos várias espécies típicas de campos de altitude como bromélias dos gêneros *Bromelia* e *Dyckia*, duas espécies de língua-de-tucano (*Eryngium juncifolium* e *E. canaliculatum*), lírio-do-cerrado (*Calolisianthus speciosus*), ruibarbo (*Trimezia juncifolia*), orquídeas do campo (*Epistephium lucidum*, *Cleisthes* sp.), cabelo-de-índio (*Bulbostylis paradoxa*) e algumas sempre-vivas (Eriocaulaceae). Registramos também duas espécies raras de dicotiledôneas, a catuabinha (*Anemopaegma arvense*) que está listada no MMA como ameaçada e a *Aspilia eglerii* que está listada como criticamente ameaçada no MMA e na IUCN, anteriormente apenas descrita em duas localidades restritas na Serra do Espinhaço, ao redor de Diamantina (MG) e no sul da Bahia.

Nas matas ripárias há diferentes espécies arbóreas como copaíba (*Copaifera langsdorffii*), uruvalheira (*Platygodium elegans*), cedro (*Cedrela fissilis*), jequitibá-branco (*Carinianna estrellensis*), sangra-d'água (*Croton urucurana*), ingá-feijão (*Inga cylindrica*), peloteira-graúda (*Guarea kunthiana*), embaúba (*Cecropia pachystachya*), jatobá-da-mata (*Hymenaea courbaril*), manduí (*Senna macranthera*), mijantá (*Terminalia glabrescens*), além de inúmeras epífitas (orquídeas, bromélias, aráceas, cactáceas

etc), ervas, arbustos e cactáceas terrestres como mandacaru (*Cereus jamacaru*) nos afloramentos rochosos etc.

A composição de espécies vegetais é típica de outras regiões montanhosas do Cerrado de Minas Gerais, embora os ambientes de campos de altitude na Serra da Saudade sejam mais secos do que nas Serras do Espinhaço e da Canastra, com algumas raras orquídeas e eriocauláceas terrestres (Figura 5). No entanto, a expectativa é que, devido a características edáficas únicas e afloramentos de verdetes (rocha com minério glauconita, rico em potássio), muitos destes táxons sejam adaptados localmente a este ambiente singular no Brasil e na América e podem, eventualmente, corresponder a novos táxons endêmicos ainda não descritos.

Figura 5

As matas ripárias provavelmente também sofrem influência da vegetação próxima do enclave de Mata Atlântica da Mata da Corda, localizada 15 km a oeste da Reserva Brisa do Indaiá. Esta influência da Mata Atlântica foi observada nos inventários prévios de aves (Freitas et al., 2009; Moura et al., 2011), pelos registros do jacuaçu (*Penelope obscura*), do araçari-de-bico-branco (*Pteroglossus aracari*) e do guigó ou sauá-de-cara-preta (*Callicebus nigrifrons*), que é considerado um primata endêmico de Mata Atlântica.

Perspectivas de pesquisas e conservação

A região da Serra da Saudade revela uma grande diversidade de espécies com endemismos típicos de Cerrado nos campos de altitude e com alguma influência de espécies endêmicas de Mata Atlântica nas matas ripárias. Os mapeamentos de remanescentes de Cerrado em Minas Gerais, complementados por esta revisão com um registro preliminar da biodiversidade local, ressaltam o grande potencial desta área para a conservação *in situ* do Cerrado mineiro. A Serra da Saudade, embora visitada por naturalistas nos séculos XVIII e XIX, ainda é uma área negligenciada cientificamente do Cerrado de Minas Gerais que merece inventários taxonômicos detalhados, além de pesquisas ecológicas que levem em conta a composição geológica peculiar no Brasil e América do Sul.

Embora a margem direita do rio Indaiá na Serra da Saudade seja composta em sua maioria por remanescentes do bioma Cerrado, existe um impacto significativo de longo prazo da agricultura, pecuária e garimpo de diamantes, além da crescente mineração do verdete/glauconita (<https://www.kaliummineracao.com.br>, <https://verde.ag>). Além disso, caso ocorra a exploração industrial de gás-de-xisto previamente identificado na região, este só poderá ser feito pelo método de faturamento (*fracking*), considerado muito perigoso ao lençol freático e

ecossistemas, principalmente em áreas montanhosas como a Serra da Saudade (Meng 2017).

Considerando a degradação crescente dos ecossistemas do Cerrado, é importante ressaltar a existência de grandes extensões de áreas remanescentes na Serra da Saudade que é classificada como prioritária para conservação e área-chave da biodiversidade (KBA). Visto que são raros os estudos científicos empíricos e experimentais nesta região, faz-se necessário chamar a atenção da comunidade científica e dos gestores ambientais públicos e privados para esta e outras áreas remanescentes negligenciadas e com potencial riqueza em biodiversidade.

AGRADECIMENTOS

Este estudo foi iniciado durante os períodos de isolamento durante a pandemia Covid-19 na Reserva Brisa do Indaiá localizada nas montanhas da Serra da Saudade, município de Quartel Geral, Minas Gerais. Agradecemos o apoio dos pesquisadores Lázaro A. Oliveira, Guilherme H. Freitas, Anderson V. Chaves, Flávio H.G. Rodrigues, Mario A. Cozzuol, Benoit de Thoisy, José Eustáquio Santos Júnior, Rafael F. Magalhães, Adalberto J. Santos, Marcos Coutinho, Fernando A. Perini, Fernanda Cavalcanti de Azevedo, Frederico Gemesio Lemos, Maria Guadalupe Carvalho Fernandes, Bernardo de Faria Leopoldo, Carlos Alberto Ferreira Júnior e Vinícius Resende Bueno. Também somos

muito gratos ao IEF-MG (Unidade Centro-Oeste), ao Instituto Diadorim e seus membros e a Alexander Azevedo do Instituto Biotrópicos pelo apoio aos estudos e ao processo de implantação da RPPN (em andamento). FRS agradece o financiamento dos projetos CNPq 406864/2022-5, FAPEMIG APQ 04006-24 e ICMBio-CNPq 421303/2017-4.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

FRS e NSH contribuíram igualmente na geração dos dados originais, revisão de literatura, análises e escrita do artigo de revisão.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses

REFERÊNCIAS

Azevedo, F. C. & F. G. Lemos. 2012. *Rastros & Pistas: Guia de Mamíferos de Médio e Grande Porte do Triângulo Mineiro e Sudeste de Goiás*. Uberlândia: Ed. GMBC.

Baker, A. J. 2008. Islands in the sky: the impact of Pleistocene climate cycles on biodiversity. *J. Biol.* 7: 32.

Barbosa, W. A. 1964. *Dores do Indaiá do Passado*. Belo Horizonte: Editoria própria.

Barbosa, W. A. 1979. *História de Minas*. Belo Horizonte: Editora Comunicação.

Bispo, P., M. C. A. Picoli, B. S. Marimon et al. 2024. Overlooking vegetation loss outside forests imperils the Brazilian Cerrado and other non-forest biomes. *Nat. Ecol. Evol.* 8(1): 12-13.

Bonanomi, J., F. R. Tortato, R. S. Gomes et al. 2019. Protecting forests at the expense of native grasslands: Land-use policy encourages open-habitat loss in the Brazilian Cerrado biome. *Persp. Ecol. Conserv.* 17: 26-31.

Bonhomme, M. G., U. G. Cordani, K. Kawashita et al. 1982. Radiochronological age and correlation of Proterozoic sediments in Brazil. *Precambrian Res.* 18: 103-118.

CEPF. 2017. *Ecosystem Profile Cerrado Biodiversity Hotspot*. Brasília: Instituto Internacional de Educação do Brasil. Disponível em <https://www.cepf.net/our-work/biodiversity-hotspots/cerrado>. Acesso em 29 de julho de 2025.

Chaves, A. V., G. H. Freitas, M. F. Vasconcelos & F. R. Santos. 2014. Biogeographic patterns, origin and speciation of the endemic birds from eastern Brazilian mountaintops: a review. *Syst. Biodiv.* 13: 1-16.

Chaves, M. E. D., G. Mataveli, E. Ermgassen et al. 2023. Reverse the Cerrado's neglect. *Nature Sust.* 01182.

Correa, C. C. 1948. Serra da Saudade. Rio de Janeiro: Editora própria.

Del Prette, A. C., R. F. de Magalhães, P. Lemes, T.

**Pezzuti, T. Leite, C. Strüssmann, C. B. Oswald, Oliveira,
J. C. Pedroso, F. R. Santos & R. A. Brandão.** 2024.

Combining predictive distribution methods and life history to reduce geographic distribution shortfalls for two rocky Cerrado endemic leaf frogs. *J. Nat. Cons.* 82: 126731.

Drummond, G. M., C. S. Martins, A. B. M. Machado et al. 2005. *Biodiversidade em Minas Gerais: um atlas para sua conservação.* Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.

Eschwege, W. L. 1833. *Pluto brasiliensis.* Brasília: Editora do Senado Federal. Tradução do original alemão por Domício de Figueiredo Murta, 2011.

Faria, L. E. & C. A. L. Filgueiras. 2019. A busca por chumbo e prata em Minas Gerais como alternativa às esgotadas minas de ouro e diamantes no século XIX. *Quim. Nova.* 42: 105-116.

Faria, L. E. & C. A. L. Filgueiras. 2022. As malsucedidas buscas de minerais em Minas Gerais. *Quim. Nova.* 45: 484-496.

Fernandes, G. W., N. P. U. Barbosa, D. Negreiros & A. P. Paglia. 2014. Challenges for the conservation of vanishing megadiverse rupestrian grasslands. *Nat. & Conserv.* 12: 162-165.

Freitas, G., A. V. Chaves & F. R. Santos. 2009. Nova área de ocorrência da espécie ameaçada *Coryphaspizza melanotis* (Aves: Emberizidae) em Minas Gerais. *MG Biota.* 2: 32-45.

Hofmann, G. S., M. F. Cardoso, R. J. V. Alves et al. 2021. The Brazilian Cerrado is becoming hotter and drier. *Glob. Change Biol.* 27: 4060– 4073.

Hueck, K. 1953. Distribuição e Habitat Natural do Pinheiro do Paraná (*Araucaria angustifolia*). *Bol. Fac. Filos. Cienc. Let. USP.* 10: 5-24.

IEF. 2021. *Plano de Ação Territorial para Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção do Território Espinhaço Mineiro: sumário executivo.* Belo Horizonte: Instituto Estadual de Florestas. Disponível em <https://www.ief.mg.gov.br/pat-espinhaco-mineiro>. Acesso em 29 de julho de 2025.

Lima, O. N. B., A. Uhlein & W. Britto. 2007. Estratigrafia do Grupo Bambuí na Serra da Saudade e geologia do depósito fosfático de Cedro do Abaeté, Minas Gerais. *Rev. Bras. Geoc.* 37(4): 204-215.

Lourenço, L. A. B. 2005. Triângulo Mineiro: uma fronteira na Colônia e no Império. In: *A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista Triângulo Mineiro (1750-1861)*. Uberlândia: EDUFU.

Maia, V. C. & L. A. Oliveira. 2018. *Lopesia indaiensis* (Diptera, Cecidomyiidae), a new species of gall midge feeding on *Andira fraxinifolia* Benth (Fabaceae), an endemic plant in Brazil. *Rev. Bras. Entomol.* 62: 125-130.

Maia, V. C., I. C. Flor & L. A. Oliveira. 2018. *Myrciamyia pterandrae* (Diptera, Cecidomyiidae, Lopesiini), a new species of gall midge associated with *Pterandra pyroidea* A. Juss. (Malpighiaceae), an endemic plant in Brazilian Cerrado. *Rev. Bras. Entomol.* 62: 220-224.

Maia, V. C. & L. A. Oliveira. 2019. A new species of *Clinodiplosis* (Diptera: Cecidomyiidae) causing galls on *Banisteriopsis membranifolia* (Malpighiaceae), an endemic plant in Brazil. *Zool.* 36: 1-5.

Martius, C. F. P. 1840-1906. *Flora Brasiliensis*. Munich & Leipzig.

Meng, Q. 2017. The impacts of fracking on the environment: a total environmental study paradigm. *Sci. Total Environ.* 580: 953-957.

MMA. 2018. *2ª Atualização das Áreas Prioritárias para Conservação da Biodiversidade*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. Disponível em <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/servicosambientais/ecossistemas-1/conservacao-1/areas-prioritarias/2a-atualizacao-das-areas-prioritarias-para-conservacao-da-biodiversidade-2018>. Acesso em 29 de julho de 2025.

Moreira, D. S., A. Uhlein, G. B. Uhlein, et al. 2022. Ediacaran/Early Cambrian Serra da Saudade Formation, Bambuí

Group: the sedimentary record of a foreland basin in Southeastern Brazil. *Braz. J. Geol.* 51(3): 18.

Moura, A. S., B. S. Correa, D. W. Santos & R. H. Marques.

2011. Novos registros ornitológicos para Quartel São João, município de Quartel Geral, MG, com novas áreas de ocorrência das espécies ameaçadas *Taoniscus nanus* (Tinamidae), *Urubutinga coronata* (Accipitridae), *Culicivora caudacuta* (Tyrannidae) e *Poospiza cinerea* (Emberizidae). *Atual. Ornit.* 162: 51-56.

Neves, B. B., R. A. Fuck & M. M. Pimentel. 2014. The Brazilian collage in South America: a review. *Braz. J. Geol.* 44(3): 493-518.

Oliveira, J. A. 1970. *História de Abaeté temperada com um pouco de sal e pimenta*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial.

Perrigo, A., C. Hoorn & A. Antonelli. 2020. Why mountains matter for biodiversity. *J. Biogeog.* 47: 315-325.

Pinto, O. M. 1952. Súmula histórica e sistemática da ornitologia de Minas Gerais. *Arq. Zool. São Paulo.* 8: 1-51.

Ramos, E. K. S., R. F. Magalhães, N. C. Marques, et al. 2019. Cryptic diversity in Brazilian endemic monkey frogs (Hyliidae, Phyllomedusinae, *Pithecopus*) revealed by multispecies coalescent and integrative approaches. *Mol. Phylog. Evol.* 132: 105-116.

Rocha-Júnior, D. A., W. Vieira-Júnior & R. C. Cardoso. 2006. *Viagem pela Estrada Real dos Goyazes*. Brasília: Paralelo 15.

Souza, C. M., J. Shimbo, M. R. Rosa, et al. 2020. Reconstructing Three Decades of Land Use and Land Cover Changes in Brazilian Biomes with Landsat Archive and Earth Engine. *Remote Sens.* 12(17): 2735.

Teles, L. S. B., J. E. G. Campos & T. G. Ramos. 2022. Light on the origin of the verdete siltstone, Bambuí group, central Minas Gerais state, Brazil. *J. S. Amer. Earth Sc.* 119: 103938.

Urban, G. 1992. A História da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: Manuela Carneiro da Cunha (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Vieira-Couto, J. 1801. *Memória sobre as minas da Capitania de Minas Geraes*. in *Revista do Arquivo Público Mineiro*, 10(1-2): 55-166, 1905.

Tab. 1 - Novas espécies de aves registradas na Reserva Brisa do Indaiá.

Número	Nome do Táxon	Nome em Português	Registro*	Endemismo** e Ameaça (IUCN)
	Galiformes Linnaeus, 1758 Cracidae Rafinesque, 1815			
1	<i>Penelope obscura</i> Temminck, 1815	jacuaçu	f,o	FL
	Pelecaniformes Sharpe, 1891 Phalacrocoracidae Reichenbach, 1849			
2	<i>Nannopterum brasilianum</i> (Gmelin, 1789)	biguá	f	
	Ciconiiformes Bonaparte, 1854 Ardeidae Leach, 1820			
3	<i>Ardea cocoi</i> Linnaeus, 1766	garça-moura	f	
4	<i>Syrigma sibilatrix</i> (Temminck, 1824)	maria-faceira	v	
	Ciconiidae Sundevall, 1836			
5	<i>Mycteria americana</i> Linnaeus, 1758	cabeça-seca	f	
	Falconiformes Bonaparte, 1831 Accipitridae Vigors, 1824			
6	<i>Elanus leucurus</i> (Vieillot, 1818)	gavião-peneira	f	
7	<i>Ictinia plumbea</i> (Gmelin, 1788)	sovi	f	
8	<i>Urubitinga urubitinga</i> (Gmelin, 1788)	gavião-preto	f,o	
	Gruiformes Bonaparte, 1854 Rallidae Rafinesque, 1815			
9	<i>Aramides cajaneus</i> (Statius Muller, 1776)	saracura-três-potes	v,g	
	Columbiformes Latham, 1790 Columbidae Leach, 1820			
10	<i>Patagioenas cayennensis</i> (Bonnaterre, 1792)	pomba-galega	f,o	
11	<i>Zenaida auriculata</i> (Des Murs, 1847)	pomba-de-bando	f,o	
	Psittaciformes Wagler, 1830			

	Psittacidae Rafinesque, 1815			
12	<i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus, 1758)	papagaio-verdadeiro	v,o	
13	<i>Ara ararauna</i> (Linnaeus, 1758)	arara-canindé	f,o	
14	<i>Diopsittaca nobilis</i> (Linnaeus, 1758)	maracanã-pequena	v,o	
	Caprimulgiformes Ridgway, 1881			
	Caprimulgidae Vigors, 1825			
15	<i>Hydropsalis torquata</i> (Gmelin, 1789)	bacurau-tesoura	v	
	Apodiformes Peters, 1940			
	Trochilinae Vigors, 1825			
16	<i>Heliactin bilophus</i> (Temminck, 1820)	chifre-de-ouro	f	CA
	Piciformes Meyer & Wolf, 1810			
	Ramphastidae Vigors, 1825			
17	<i>Pteroglossus aracari</i> (Linnaeus, 1758)	araçari-de-bico-branco	f,g	FL
18	<i>Ramphastos vitellinus</i> Lichtenstein, 1823	tucano-de-bico-preto	v,o	VU
	Picidae Leach, 1820			
19	<i>Celeus flavescens</i> (Gmelin, 1788)	joão-velho	f	
	Passeriformes Linné, 1758			
	Tyrannida Wetmore & Miller, 1926			
	Tyrannidae Vigors, 1825			
20	<i>Fluvicola nengeta</i> (Linnaeus, 1766)	lavadeira-mascarada	v	
21	<i>Gubernetes yetapa</i> (Vieillot, 1818)	tesoura-do-brejo	f	
22	<i>Machetornis rixosa</i> (Vieillot, 1819)	suiriri-cavaleiro	v	
23	<i>Serpophaga nigricans</i> (Vieillot, 1817)	joão-pobre	f	
24	<i>Tyrannus albogularis</i> Burmeister, 1856	suiriri	f	
	Passerida Linné, 1758			
	Hirundinidae Rafinesque, 1815			
		andorinha-pequena-de-		
25	<i>Pygochelidon cyanoleuca</i> (Vieillot, 1817)	casa	f	

Thraupidae Cabanis, 1847				
26	<i>Tachyphonus coronatus</i> (Vieillot, 1822)	tiê-preto	f	FL
27	<i>Tachyphonus rufus</i> (Boddaert, 1783)	pipira-preta	f	
28	<i>Thraupis palmarum</i> (Wied, 1821)	sanhaço-do-coqueiro	f	
29	<i>Tersina viridis</i> (Illiger, 1811)	saí-andorinha	f	
Emberizidae Vigors, 1825				
30	<i>Sporophila caerulescens</i> (Vieillot, 1823)	coleirinho	f	
31	<i>Sporophila plumbea</i> (Wied, 1830)	patativa	f	
32	<i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766)	tiziu	f,g	
Icteridae Vigors, 1825				
33	<i>Chrysomus ruficapillus</i> (Vieillot, 1819)	garibaldi	f	
34	<i>Icterus jamacaii</i> (Gmelin, 1788)	corrupião	v	
35	<i>Icterus pyrrhopterus</i> (Vieillot, 1819)	encontro	v	
36	<i>Molothrus oryzivorus</i> (Gmelin, 1788)	iraúna-grande	f	
37	<i>Molothrus rufoaxillaris</i> Cassin, 1866	vira-bosta-azeviche	f,g	
38	<i>Leistes superciliaris</i> (Bonaparte, 1850)	polícia-inglesa-do-sul	f	

Registro: **v**= visto / **o**=ouvido / **f**= visto+fotografado / **g**= ouvido+gravado

Endemismo e classificação de ameaça:

FL= ambientes florestais como Mata Atlântica e Amazônia (raro no Cerrado).

CA= ambientes abertos do Cerrado, Caatinga, topos de montanhas e zonas costeiras.

VU= vulnerável de acordo com a IUCN.

Tab. 2 - Espécies de mamíferos registradas na Reserva Brisa do Indaiá.

#	Táxons registrados por Ordem/Família	Nome em Português	Registro	Endemismo e Ameaça (IUCN)
	Primates Linnaeus, 1758 Cebidae Bonaparte, 1831			
1	<i>Callithrix penicillata</i> (Geoffroy, 1812)	mico-estrela	v	
	Pitheciidae Leach, 1820			
2	<i>Callicebus nigrifrons</i> (Spix, 1823)	sauá-de-cara-preta	f,o	MA
	Carnivora Bowdich, 1821 Felidae G. Fischer de Waldheim, 1817			
3	<i>Leopardus pardalis</i> (Linnaeus, 1758)	jaguaritica	e,p	
4	<i>Puma concolor</i> (Linnaeus, 1771)	puma	e,p	VU
5	<i>Herpailurus yagouaroundi</i> (Geoffroy, 1803)	jaguarundi	v,p	
	Canidae G. Fischer, 1817			
6	<i>Cerdocyon thous</i> Linnaeus, 1766	cachorro-do-mato	p	
7	<i>Lycalopex vetulus</i> (Lund, 1842)	raposinha-do-campo	p,v	VU, CE
8	<i>Chrysocyon brachyurus</i> Illiger, 1815	lobo-guará	p,f	VU
	Mustelidae Fischer von Waldheim, 1817			
9	<i>Eira barbara</i> Linnaeus, 1758	irara	r,v	
10	<i>Lontra longicaudis</i> (Olfers, 1818)	lontra-neotropical	f	
	Procyonidae Gray, 1825			
11	<i>Procyon cancrivorus</i> (Cuvier, 1798)	mão-pelada	p	
12	<i>Nasua nasua</i> (Linnaeus, 1766)	quati	p,v	
	Mephitidae Bonaparte, 1845			
13	<i>Conepatus semistriatus</i> Boddaert, 1785	jaritataca	p,c	
	Cingulata Illiger, 1811 Dasypodidae Gray, 1821			
14	<i>Dasypus novemcinctus</i> (Linnaeus, 1758)	tatu-galinha	v	
15	<i>Priodontes maximus</i> (Kerr, 1792)	tatu-canastra	v,t	VU
	Pilosa Flower, 1883 Myrmecophagidae Gray, 1825			

16	<i>Myrmecophaga tridactyla</i> Linnaeus, 1758	tamanduá-bandeira	f	VU
<div style="background-color: #d9ead3; padding: 5px; text-align: center;"> Artiodactyla Owen, 1848 Tayassuidae Palmer, 1897 </div>				
17	<i>Pecari tajacu</i> (Linnaeus, 1758)	cateto	f,p	
<div style="background-color: #d9ead3; padding: 5px; text-align: center;"> Cervidae Goldfuss, 1820 </div>				
18	<i>Mazama</i> sp.	veado	e,p	
<div style="background-color: #d9ead3; padding: 5px; text-align: center;"> Rodentia Bowdich, 1821 Caviidae G. Fischer, 1817 </div>				
19	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> (Linnaeus, 1766)	capivara	e,f	
<div style="background-color: #d9ead3; padding: 5px; text-align: center;"> Cuniculidae Miller & Gidley, 1918 </div>				
20	<i>Cuniculus paca</i> (Linnaeus, 1766)		r,p	
<div style="background-color: #d9ead3; padding: 5px; text-align: center;"> Dasyproctidae Gray, 1825 </div>				
21	<i>Dasyprocta</i> sp.	cutia	p,v	
<div style="background-color: #d9ead3; padding: 5px; text-align: center;"> Chiroptera Blumenbach, 1779 Phyllostomidae Gray, 1825 </div>				
22	<i>Glossophaga soricina</i> (Pallas, 1766)	morcego	r,f	
<div style="background-color: #d9ead3; padding: 5px; text-align: center;"> Didelphimorphia Gill, 1872 Didelphidae Gray, 1821 </div>				
23	<i>Didelphis</i> sp.	gambá	p	
24	<i>Gracilinanus agilis</i> (Burmeister, 1854)	cuíca-graciosa	f	

Registro: v= visto / p=pegadas / e= fezes/ o= ouvido / t= tocas / c= cheiro / r= carcaça / f= fotografado

Endemismo e classificação de ameaça:

MA= endemismo da Mata Atlântica

CE= endemismo do Cerrado.

VU= vulnerável de acordo com a IUCN.

Legendas das Figuras

Fig. 1 - A Serra da Saudade. a: mapa com detalhe do oeste de Minas Gerais e a serra em destaque (amarelo) onde se localiza a Reserva Brisa do Indaiá (estrela); b: estrada de acesso à reserva com solo rochoso de verdete (rico em minério glauconita) e seriemas; c: matas ripárias entre o rio Indaiá e o córrego Brisa (à direita do rio); d: campos de altitude na reserva Brisa do Indaiá. Fotos de Fabrício R. Santos e Nadja Simbera Hemetrio.

Fig. 1 - Serra da Saudade. a: Detailed map of western Minas Gerais with the highlighted mountain range (yellow) where the Brisa do Indaiá Reserve is located (star); b: Access road to the reserve with rocky verdigris soil (rich in glauconite ore) and seriemas; c: Riparian forests between the Indaiá River and the Brisa Stream (to the right of the river); d: High-altitude fields in the Brisa do Indaiá Reserve. Photos by Fabrício R. Santos and Nadja Simbera Hemetrio.

Fig. 2 - Algumas aves encontradas na Reserva Brisa do Indaiá. Foi avistado em setembro de 2020 um casal de águias-cinzentas (a) e alguns registros novos para a localidade como araçari-de-bico-branco (b), sovi (c) e tiê-preto (d). Fotos de Fabrício R. Santos.

Fig. 2 - Some birds found in the Brisa do Indaiá Reserve. A pair of gray eagles (a) were sighted in September 2020, along with some new bird records for the area, such as the white-billed araçari (b), the sovi (c), and the black tanager (d). Photos by Fabrício R. Santos.

Fig. 3 - Registros de algumas espécies de mamíferos da Reserva Brisa do Indaiá. a: lobo-guará; b: tamanduá-bandeira; c: pegada de suçuarana; d: pegada de raposinha-do-campo; e: fezes de lontra; f: lontra-neotropical no rio Indaiá; g: pegada de tatu-canastra; h: pegadas de quati. Fotos de Fabrício R. Santos e Nadja Simbera Hemetrio.

Fig. 3 - Records of some mammal species in the Brisa do Indaiá Reserve. a: maned wolf; b: giant anteater; c: cougar footprint; d: hoary fox footprint; e: otter scat; f: Neotropical otter in the Indaiá River; g: giant armadillo footprint; h: coati footprints. Photos by Fabrício R. Santos and Nadja Simbera Hemetrio.

Fig. 4 - Abelhas, borboletas e mariposas encontradas na Reserva Brisa do Indaiá. a: *Centris* sp.; b: *Augochloropsis* sp.; c: *Rhetus periander*; d: *Rothschildia* sp.; e: *Hamadryas* sp.; f: *Zaretis* sp.; g: *Automeris* sp.; h: *Heraclides thoas*; i: *Callicore* sp. Fotos de Nadja Simbera Hemetrio.

Fig. 4 - Bees, butterflies, and moths found in the Brisa do Indaiá Reserve. a: *Centris* sp.; b: *Augochloropsis* sp.; c: *Rhetus periander*; d: *Rothschildia* sp.; e: *Hamadryas* sp.; f: *Zaretis* sp.; g: *Automeris* sp.; h: *Heraclides thoas*; i: *Callicore* sp. Photos by Nadja Simbera Hemetrio.

Fig. 5 - Algumas flores da Reserva Brisa do Indaiá. a: *Trimezia juncifolia*; b: *Paepalanthus* sp.; c: *Kielmeyera* sp.; d: *Dickya* sp.; e: *Pterandra* sp.; f: *Cleistes* sp.; g: *Epistephium lucidum*. Fotos de Nadja Simbera Hemetrio

Fig. 5 - Some flowering plants from the Brisa do Indaiá Reserve. a: *Trimezia juncifolia*; b: *Paepalanthus* sp.; c: *Kielmeyera* sp.; d: *Dickya* sp.; e: *Pterandra* sp.; f: *Cleistes* sp.; g: *Epistephium lucidum*. Photos by Nadja Simbera Hemetrio

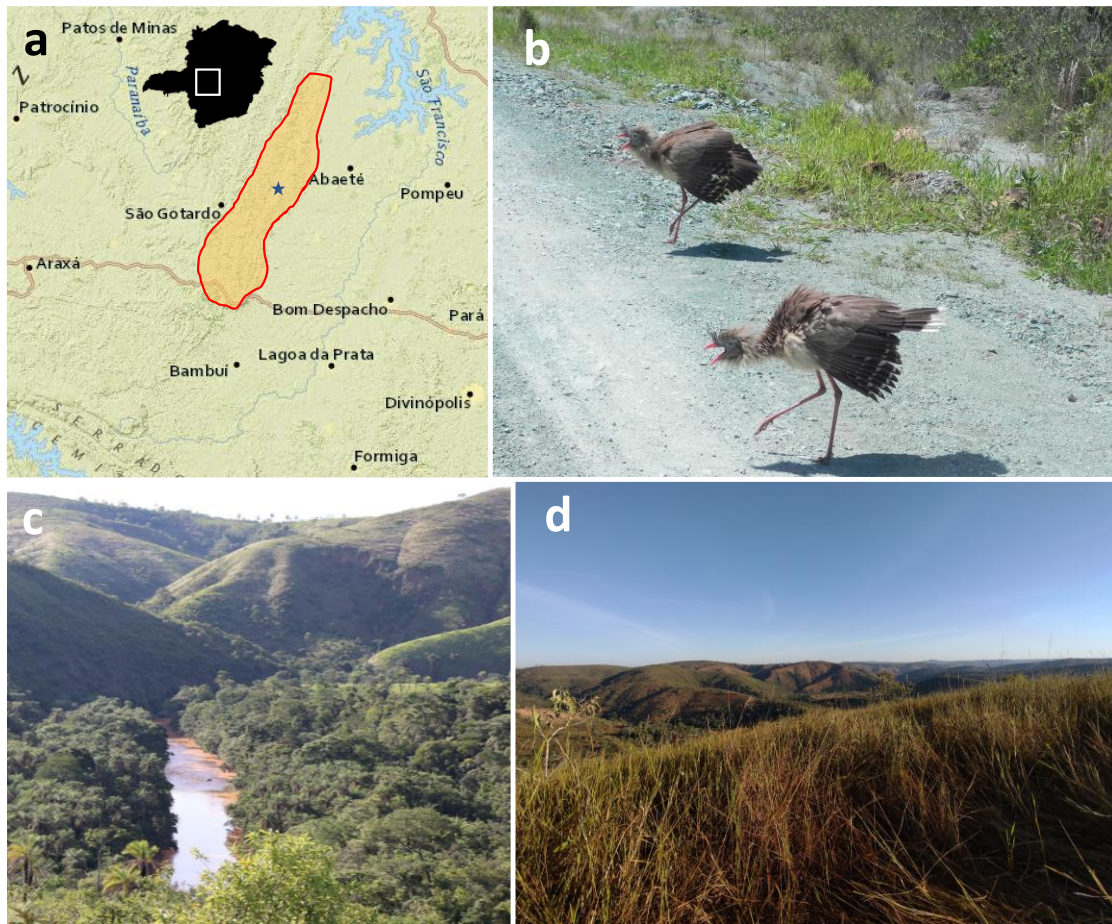


Fig. 1

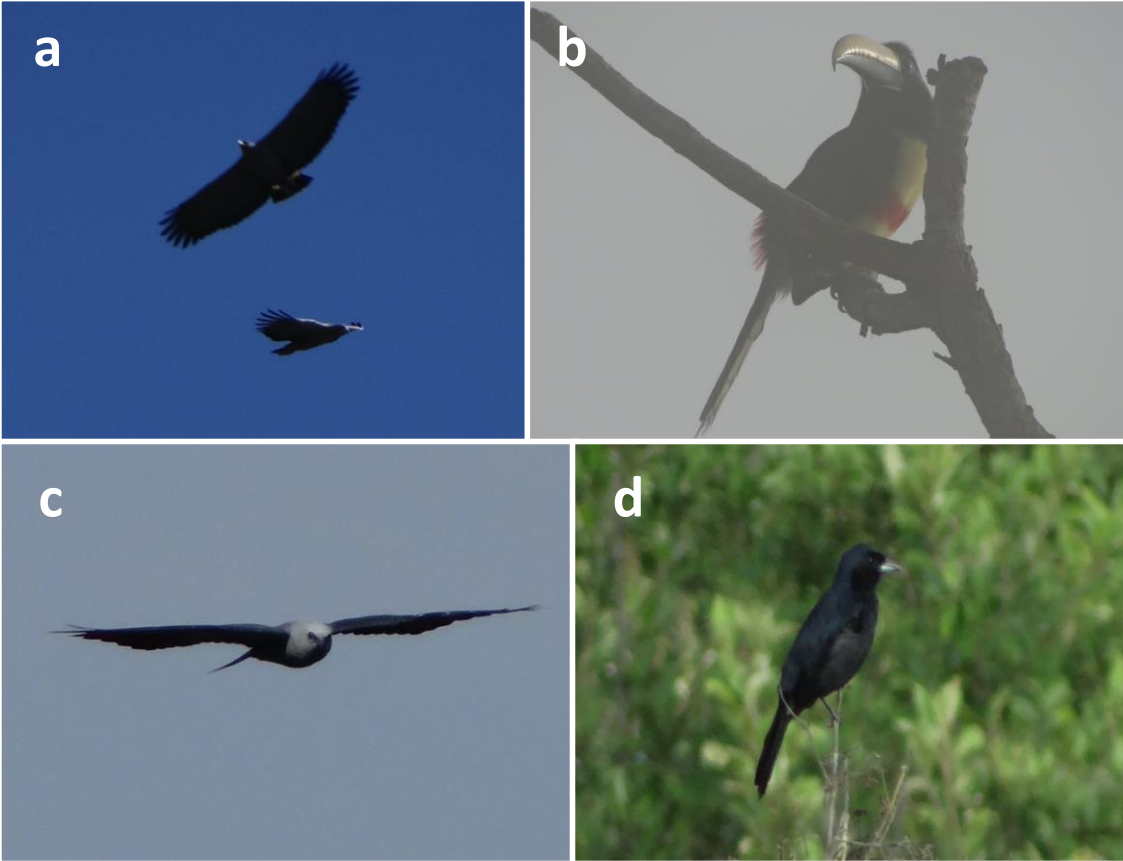


Fig. 2

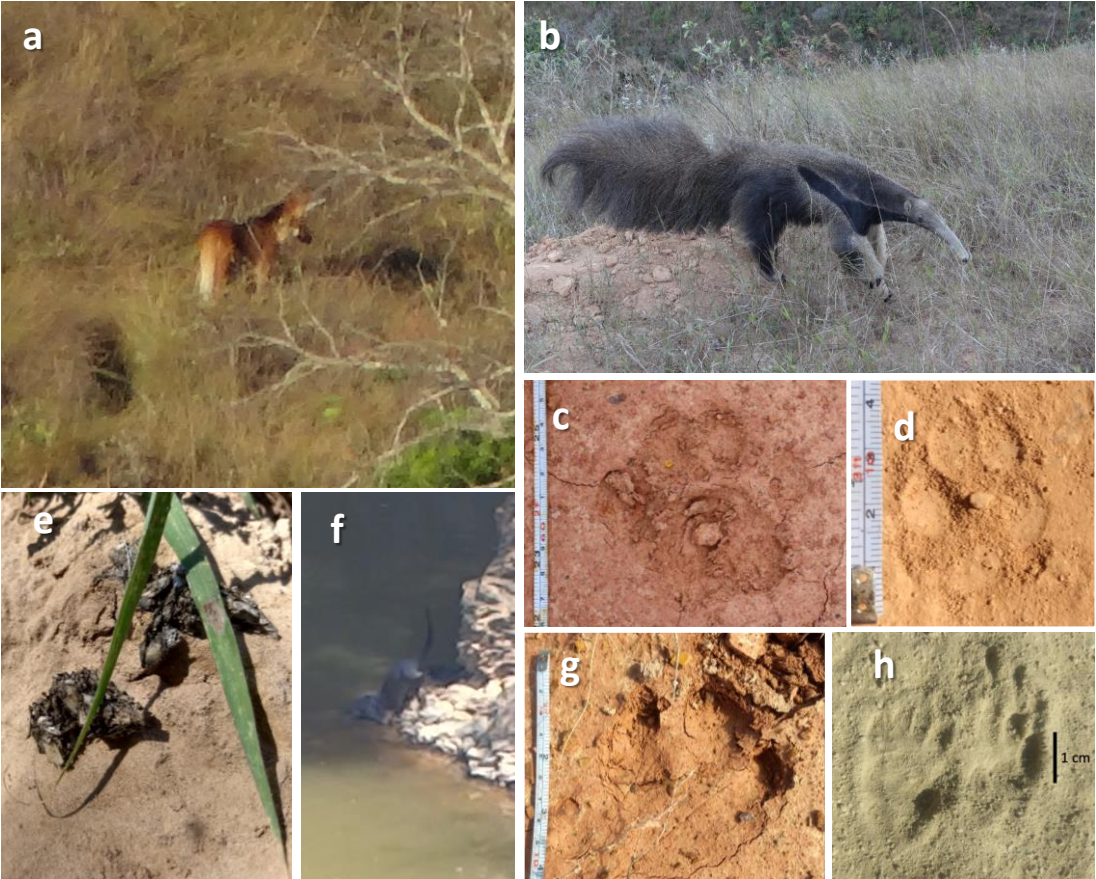


Fig. 3

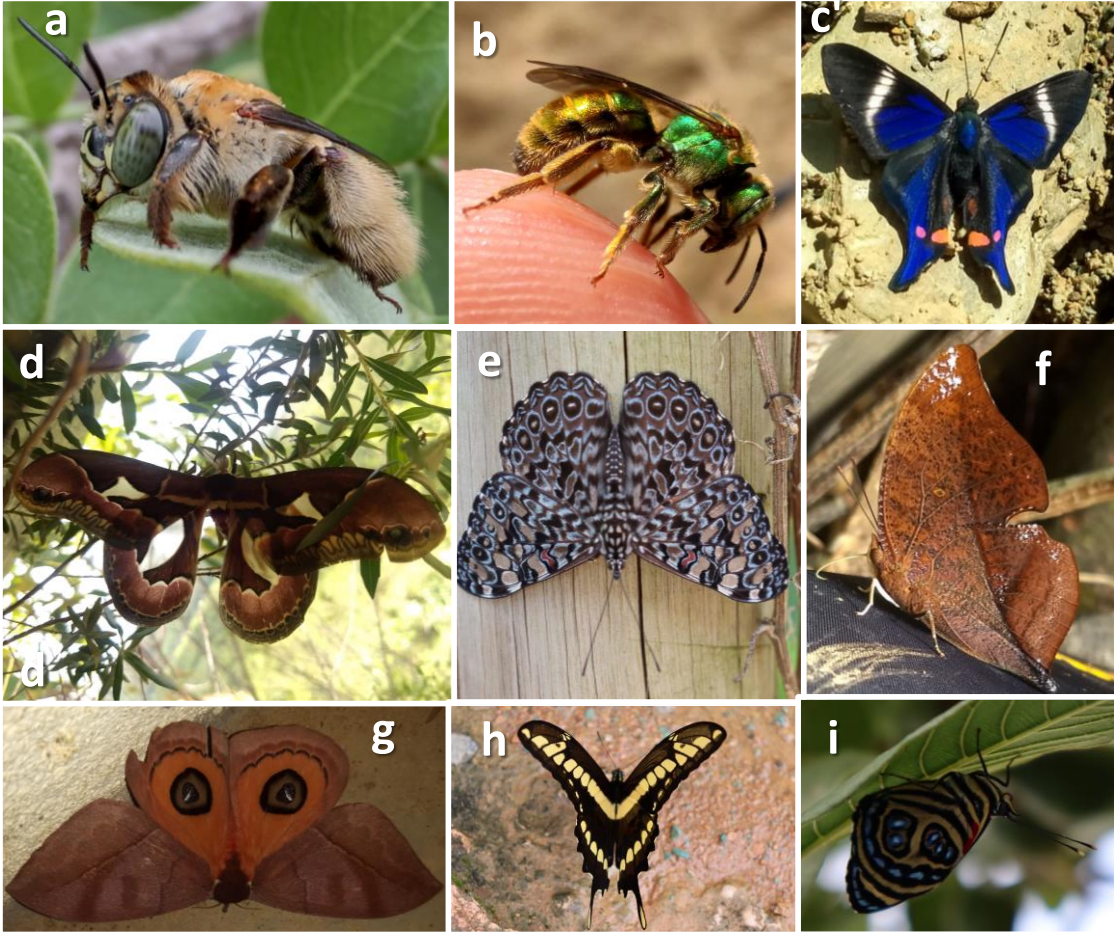


Fig. 4

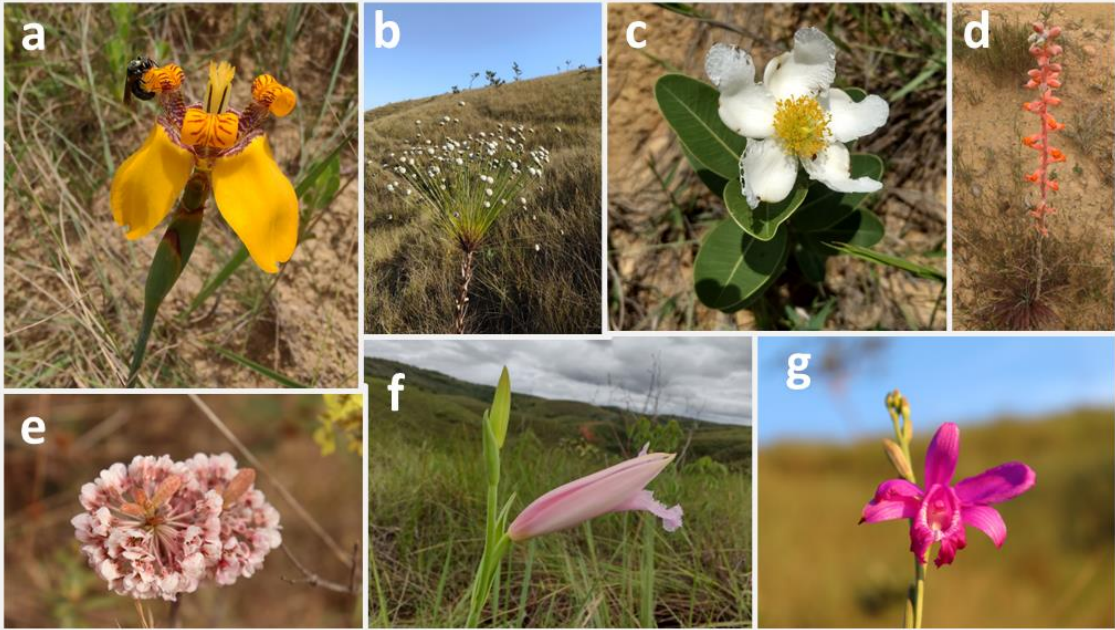


Fig. 5

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.